

O uso das técnicas projetivas na avaliação psicológica da personalidade

Alda Vanessa Cardoso Ferreira - aldavanessacafer@gmail.com

Avaliação Psicológica
Instituto de Pós-Graduação - IPOG

Resumo

A avaliação psicológica pode ser entendida como um processo que serve para responder questões sobre o indivíduo ou sobre um grupo de indivíduos. Assim, os psicólogos têm utilizado diferentes recursos no processo de avaliação psicológica. Diante das diferentes técnicas e propósitos de avaliação, estabeleceu-se as seguintes questões norteadoras deste estudo: Qual a discussão existente em torno das técnicas projetivas na avaliação da personalidade? Quais as potencialidades, desafios, mitos e os principais instrumentos projetivos utilizados na avaliação da personalidade? Partindo desse pressuposto, o presente estudo tem o objetivo de discutir a avaliação psicológica da personalidade por meio das técnicas projetivas, procurando contextualizar o processo de avaliação psicológica e os diferentes métodos de avaliação da personalidade, destacando o uso das técnicas projetivas; identificar os principais instrumentos utilizados; destacar as potencialidades das técnicas projetivas e os mitos. O método utilizado foi a pesquisa de caráter bibliográfico. Os resultados demonstraram que as técnicas projetivas se mostram como uma importante ferramenta na investigação da personalidade, apesar de ainda existirem distorções do que de fato ocorre na realidade. Ao final, constatou-se o quanto a formação do profissional pode contribuir para estes fatores e que muito ainda pode ser feito para a melhoria destes instrumentos.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica. Testes Psicológicos. Testes de Personalidade.

1. Introdução

A avaliação psicológica pode ser entendida como um processo que serve para responder questões sobre o indivíduo ou sobre um grupo de indivíduos e que implica ir além de dados óbvios, exigindo um olhar treinado como o de um radiologista que enxerga além de sombras e tonalidades branco-acinzentado em um raio-X. Trata-se de um processo que exige, portanto, uma tomada de decisão e juízo clínico (CAMPOS, 2013:291, 292).

Na tentativa de identificar as diversas técnicas de avaliação, a literatura especializada busca classificá-las em três tipos principais: expressivas, projetivas e psicométricas (ANZIEU, 1981 apud WERLANG; VILLEMOR-AMARAL; NASCIMENTO, 2010:90). Contudo, existem algumas discussões relacionadas à nomenclatura “técnicas projetivas”, a qual não retrata exatamente a natureza do que se está avaliando e muitas vezes este termo se contrapõe aos testes de “autorrelato” (denominação hoje utilizada para os testes anteriormente chamados psicométricos). Talvez “métodos de expressão indireta” seria uma nomenclatura apropriada (RITZLER, 2004 apud WERLANG; VILLEMOR-AMARAL; NASCIMENTO, 2010:91). No presente estudo preferiu-se denominar técnicas expressivas e técnicas projetivas como

sinônimos. Porém, tem-se clareza que a teoria psicanalítica não é a única utilizada como embasamento teórico para a interpretação e análise dos resultados.

Partindo deste pressuposto, os psicólogos têm utilizado quatro métodos diferentes para avaliar a personalidade: a entrevista; registros históricos e relatos de outras pessoas que conhecem e convivem com o indivíduo; observação do comportamento; bateria de instrumentos padronizados (WEINER; GREENE, 2008 apud RESENDE, 2017). Diante das diferentes técnicas e propósitos de avaliação, estabeleceu-se as seguintes questões norteadoras ou problemas de pesquisa deste estudo: Qual a discussão existente em torno das técnicas projetivas na avaliação da personalidade? Quais as potencialidades, desafios, mitos e os principais instrumentos projetivos utilizados na avaliação da personalidade?

Neste sentido, considerando as diferentes técnicas e métodos de avaliação, no que se refere à compreensão da personalidade e outros construtos através de procedimentos confiáveis, torna-se relevante investigar a cientificidade das técnicas projetivas, tendo em vista os diversos equívocos e mitos existentes entre os profissionais de Psicologia e até mesmo acadêmicos. Diante do exposto, acredita-se que o presente estudo mostra sua expressividade científica por permitir compreender com maior clareza a importância das técnicas projetivas na avaliação da personalidade e dirimir as possíveis dúvidas existentes.

Assim, este artigo tem o objetivo de discutir a avaliação psicológica da personalidade por meio das técnicas projetivas, procurando contextualizar o processo de avaliação psicológica e os diferentes métodos de avaliação, destacando o uso das técnicas projetivas; identificar os principais instrumentos utilizados na avaliação psicológica da personalidade; destacar as potencialidades das técnicas projetivas e os mitos existentes em torno destas técnicas.

Para Resende (2017:45), a investigação da personalidade é uma das áreas mais consistentes e desafiadoras da Psicologia, na medida em que vários modelos teóricos procuram descrevê-la e compreendê-la apesar de não haver um consenso entre os psicólogos quanto a uma única definição ou conceito para esse construto. Dentre os vários recursos disponíveis em avaliação psicológica, as técnicas projetivas são importantes aliadas na avaliação da personalidade.

Conforme Sneiderman (2011:96), as técnicas projetivas configuram-se como parte de um método que contempla a subjetividade em um sentido mais global e holístico. De acordo com Miguel (2014:98), tratam-se de técnicas que apresentam estímulos ambíguos e pouco estruturados que possibilitam uma diversidade de respostas. É possível perceber, portanto, uma convergência entre estes autores, pois consideram que as técnicas projetivas, ao apresentarem estímulos pouco estruturados, levam o examinando a oferecer respostas que estão mais sujeitas à subjetividade devido a imprecisão dos estímulos.

2. Métodos

Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico. Conforme Carvalho (2007: 100), “a pesquisa bibliográfica é a atividade de localização e consulta de fontes diversas de informação escrita, para coletar dados gerais ou específicos a respeito de determinado tema”. Para tanto, fez-se necessário reconhecimento de fontes confiáveis, detecção das fontes, e compilação das informações encontradas.

Os dados foram coletados no período de janeiro a fevereiro de 2018 nas bases de dados SciELO, BVS e LILACS. Foram incluídos na amostra os artigos científicos publicados no

período de 2010 a 2018, identificados a partir dos seguintes descritores relacionados à temática: “avaliação psicológica”, “técnicas projetivas”, “testes psicológicos” e “personalidade”. Buscou-se também informações em livros, bem como em documentos elaborados pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) para embasar o aporte teórico deste estudo.

Não foram incluídos na amostra os artigos publicados em anos anteriores ao período anual estabelecido e não relacionados ao tema. Foram excluídos aqueles que, após a leitura dos resumos e identificados a partir dos descritores estabelecidos, não apresentavam relação consistente com a temática estudada.

Em seguida, foi realizada leitura analítica dos artigos e documentação dos dados. Para Carvalho (2007:111), “a documentação consiste, na prática, em guardar ordenadamente e com critérios as informações colhidas nas leituras de livros, da assistência às aulas, da participação em conferências e seminários, assim como todo material relevante”. Portanto, todo o material encontrado, de significância para este estudo, foi separado e organizado em pastas eletrônicas por assunto, bem como foram elaborados fichamentos e síntese das informações relevantes. A análise dos dados foi realizada a partir da relação existente entre os mesmos, de modo a elencar os pontos de divergência e convergência, articulando-se também os preceitos teóricos em torno da temática e destacando as ideias dos autores a partir do esquema de referência teórica localizada.

3. Contextualizando o processo de avaliação psicológica e os diferentes métodos de avaliação da personalidade

A avaliação psicológica se refere a um conjunto de estratégias, cientificamente desenvolvidas, com o intuito de investigar e conhecer os fenômenos psicológicos (CASTRO, 2013:83; PRIMI, 2010:26; SANTOS, 2011:15). A resolução do CFP nº 007/2003 também parte do princípio de que o processo de avaliação psicológica diz respeito à investigação dos fenômenos psicológicos, inseridos em um contexto histórico e social influenciadores do psiquismo.

A avaliação psicológica é entendida como o processo técnico-científico de coleta de dados, estudos e interpretação de informações a respeito dos fenômenos psicológicos, que são resultantes da relação do indivíduo com a sociedade, utilizando-se, para tanto, de estratégias psicológicas – métodos, técnicas e instrumentos. Os resultados das avaliações devem considerar e analisar os condicionantes históricos e sociais e seus efeitos no psiquismo, com a finalidade de servirem como instrumentos para atuar não somente sobre o indivíduo, mas na modificação desses condicionantes que operam desde a formulação da demanda até a conclusão do processo de avaliação psicológica (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2003:03).

Esse processo envolve o uso de técnicas e instrumentos que apreendam informações do sujeito avaliado e a conexão das informações obtidas com a história de vida, a história social e, portanto, inclui a avaliação da subjetividade do indivíduo. Para Castro (2013:84), a avaliação psicológica constitui-se como integração do motivo (objeto ou fenômeno a ser investigado), objetivo (propósito da avaliação, o qual busca o diagnóstico, a compreensão ou identificação de determinados comportamentos) e processo de avaliação (integra o conjunto de teorias que

norteiam a compreensão acerca do fenômeno investigado e o método, isto é, as ferramentas necessárias ao processo de investigação), preocupando-se em considerar em todo o processo as bases científicas e o rigor metodológico. Por outro lado, a avaliação é muitas vezes identificada como uma parcela da Psicologia empenhada na criação de instrumentos e técnicas, apesar de representar uma área da Psicologia dedicada à operacionalização das teorias psicológicas e eventos observáveis (PRIMI, 2010:25).

Com relação ao desenvolvimento histórico desse processo, foi especialmente nas primeiras décadas do século XX, até a década de 30, que se nota o sucesso da avaliação psicológica, inserida no contexto de seleção de candidatos para a Primeira Guerra Mundial e voltada, principalmente, para a avaliação da inteligência e da personalidade (PAIS-RIBEIRO, 2013:246). Observa-se que há, desde muito tempo, o interesse na investigação da personalidade. Segundo Gomes (2009:7), a área da avaliação psicológica foi uma das primeiras referências profissionais do psicólogo. Os princípios da psicofísica e da Psicologia experimental influenciaram o surgimento das medidas psicológicas e a preparação de medidas para processos psicológicos superiores como o estudo da memória e da inteligência.

Posteriormente, isso levou à construção de instrumentos que possibilitassem o acesso a informações sobre o sujeito mediante os construtos avaliados. Após a Primeira Guerra Mundial, o uso de testes se fortaleceu nos Estados Unidos, cujo êxito alcançado com os testes para a seleção de militares levou a maiores esforços para a criação de outros instrumentos que auxiliassem em diferentes tipos de decisões (URBINA, 2007:25).

No que se refere à definição de personalidade, não há uma concordância entre os teóricos quanto a uma definição única. Apesar disso, a personalidade pode ser entendida como um conjunto de traços relativamente permanentes e de características singulares, que garantem a individualidade de cada pessoa (FEIST; FEIST, 2011:4). O psicólogo possui uma variedade de procedimentos que pode utilizar para a avaliação da personalidade, dentre eles as entrevistas, observação do comportamento e os testes psicológicos (WELLAUSEN; OLIVEIRA, 2016:277). Apesar de o foco deste estudo ser as técnicas projetivas, é válido discorrer brevemente sobre cada uma destas técnicas para ampliar esta discussão.

A entrevista é um processo didático, dotada de um propósito, que envolve, geralmente, duas pessoas (STEWART; CASH JR., 2016:01). Isto é, o que diferencia a entrevista de outras conversas é o objetivo claro e definido. A entrevista permite que uma relação de confiança seja estabelecida antes, por exemplo, de uma aplicação de testes, possibilita o conhecimento do estado afetivo-emocional do examinando e suas expectativas em relação à avaliação (CAMPOS, 2013:293).

Para Wellausen e Oliveira (2016:278), o profissional pode se utilizar dos seguintes tipos de entrevista: de livre estruturação, as quais são mais utilizadas em abordagens psicodinâmicas e permitem identificar aspectos latentes e dinâmicos do funcionamento da personalidade; semiestruturadas, que, por sua vez, ajudam a diferenciar traços de personalidade de sintomas de outras condições psicopatológicas; e estruturadas, as quais permitem verificar o nível dos traços avaliados comparando os resultados do entrevistado com os resultados de amostras normativas. Por outro lado, as competências do profissional também estão em jogo neste processo. Conforme Resende (2017:47), durante a entrevista o psicólogo precisará se utilizar de recursos relacionais, habilidades comunicativas e empatia para ouvir o entrevistado sem perder o foco dos objetivos que levaram à situação da entrevista.

A observação do comportamento pode ser entendida como a monitoração das ações através de meios visuais e eletrônicos concomitantemente ao registro quantitativo e/ou qualitativo dessas ações (COHEN; SWERDLIK; STURMAN, 2014:12). A observação comportamental deve estar presente em todas as etapas da avaliação, pois permite a observação de aspectos importantes, como por exemplo: se o examinando comparece no horário combinado; quais as condições de higiene; se é um colaborador ativo ou não; se apresenta ou não alteração autopsíquica e alopsíquica, entre outros aspectos (RESENDE, 2017:48).

Já os testes psicológicos referem-se a procedimentos que têm como objetivo medir variáveis psicológicas, tais como inteligência, personalidade, aptidão, interesses, atitudes, valores, os quais podem ser avaliados por meio de respostas a um questionário escrito e respostas orais a perguntas associadas ao desempenho de alguma tarefa (COHEN; SWERDLIK; STURMAN, 2014:06). Eles são ferramentas que auxiliam na obtenção de inferências sobre o indivíduo ou grupos e, quando utilizados corretamente, podem ser componentes-chave na prática profissional e na ciência psicológica (URBINA, 2007:15).

Quanto ao tipo, alguns autores apontam os testes psicológicos como uma grande categoria, nas quais há subcategorias (URBINA, 2007:13; MEYER; KURTZ, 2006 apud RESENDE, 2017:48). Neste caso, os testes psicológicos são divididos em duas subcategorias principais: 1 – instrumentos de autorrelato: escalas, questionários e inventários; 2 – técnicas projetivas/expressivas e métodos baseados no desempenho. Por outro lado, Wellausen e Oliveira (2016:277) incluem, dentre os métodos de avaliação da personalidade, os testes psicológicos e as técnicas projetivas. Já Silva e Belomente-de-Abreu (2016:350) destacam que os instrumentos utilizados para avaliar a personalidade dividem-se em dois grandes grupos, conforme observa-se a seguir:

Basicamente, os instrumentos para avaliar a personalidade dividem-se em dois grupos: testes projetivos e medidas objetivas das escalas de autorrelato e inventários. São duas abordagens distintas, que vão da análise de cada caso (medidas projetivas) até a possibilidade do estudo de traços comuns em grupos de indivíduos (medidas objetivas), e apresentam especificidades que são complementares na busca por melhor compreensão do funcionamento humano.

Tratam-se, portanto, de duas ferramentas distintas de acesso a informações do sujeito e que mais do que opostas, são técnicas complementares. Isto é, somam quando se pensa em uma avaliação mais completa e fidedigna. Para Zuanazzi e Ribeiro (2015:78), as técnicas projetivas avaliam a capacidade do examinando de seguir tarefas e expressar, através dos estímulos específicos de cada instrumento, a maneira como percebe o mundo a nível emocional e cognitivo.

As técnicas projetivas são caracterizadas pela liberdade de pensamento e ação, em que são apresentados ao sujeito estímulos ambíguos (BUNCHAFT, 1995:22 apud WELLAUSEN; OLIVEIRA, 2016:280). Esta definição corrobora com o pensamento de Pinto (2014:136), o qual refere que uma das principais características destas técnicas é a relativa não estruturação dos estímulos, ambiguidade, ausência de forma determinada, liberdade de resposta e de tempo. Pinto (2014:147) também traz a definição de técnicas expressivas como aquelas que se utilizam dos padrões dos movimentos e ritmos do corpo como elementos que permitem a investigação

das características de personalidade, ressaltando-se que estas técnicas são ao mesmo tempo projetivas.

4. Instrumentos utilizados na avaliação psicológica da personalidade

Várias são as técnicas projetivas disponíveis no mercado, que podem ser visualizadas no Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI). Trata-se de um sistema nacional de certificação de qualidade científica e técnica dos testes psicológicos comercializados no país. Esta certificação é dada com base em requisitos técnicos mínimos, como estudos de validade, precisão, padronização e base teórica relevante, estabelecidas com base em regras internacionais para a construção destes instrumentos, como a American Psychological Association (APA) (ALVES; SILVA; FERNANDES, 2016:180). Desse modo, é possível identificar no SATEPSI as técnicas projetivas com parecer favorável e que, portanto, obedecem aos critérios internacionais exigidos que permitem avaliar com eficácia o funcionamento e a dinâmica da personalidade, sendo autorizadas a venda no mercado.

A implantação do SATEPSI possibilitou também o estabelecimento de padrões para o teste e, de forma indireta, para a prática profissional, ao barrar a utilização de instrumentos sem o devido reconhecimento científico no contexto profissional (NAKANO, 2013:122). A tabela 1 apresenta as principais técnicas projetivas e expressivas disponíveis para a avaliação da personalidade.

Nome	Técnica	Tipo de tarefa a ser desempenhada	Autor de estudos de validação no Brasil	Ano
Teste de Foto de Profissões – BBT	Projetiva	Preferência e Verbal	PASSIAN et al.	2000
Teste de Foto de Profissões – BBT-Br Feminino	Projetiva	Preferência e Verbal	FERREIRA FILHO	2004
Teste de Apercepção Infantil - Figuras de Animais (CAT-A)	Projetiva	Perceptivo-temático e Verbal	TARDIVO; MORAES; TOSI	2010
Teste de Apercepção Infantil (CAT-H) - Figuras Humanas	Projetiva	Perceptivo-temático e Verbal	MIGUEL et al.	2015
Casa-Árvore-Pessoa – HTP	Projetiva	Gráfico e Verbal	TARDIVO	2003
Teste Palográfico	Expressiva	Gráfico e Verbal	ALVES; ESTEVES	2004
As Pirâmides Coloridas de Pfister	Projetiva	Preferência e Verbal	VILLEMOR-AMARAL	2012,2014
Psicodiagnóstico Miocinético - PMK	Expressiva	Gráfico e Não verbal	MIRA et al.	2014
O Rorschach – Teoria e Desempenho (Sistema Klopfer)	Projetiva	Perceptivo de identificação e Verbal	PASIAN	2000

O uso das técnicas projetivas na avaliação psicológica da personalidade

Dezembro/2018

Rorschach – Sistema Compreensivo	Projetiva	Perceptivo de identificação e Verbal	NASCIMENTO; SILVA NETO; VILLEMOR-AMARAL	1999
Rorschach - Sistema da Escola Francesa	Projetiva	Perceptivo de identificação e Verbal	PASIAN	2000
Rorschach - Sistema de Avaliação por Desempenho	Projetiva	Perceptivo de identificação e Verbal	MIGUEL; SILVA	2016
Técnica de Apercepção para Idosos – SAT	Projetiva	Perceptivo-temático e Verbal	MIGUEL et al.	2012
Teste de Apercepção Temática - T.A.T.	Projetiva	Perceptivo-temático e Verbal	SOUZA; WERNECK	2003
Técnica de Zulliger – Z-Teste	Projetiva	Perceptivo de identificação e Verbal	VAZ	2004
Teste de Zulliger no sistema compreensivo ZSC – forma individual	Projetiva	Perceptivo de identificação e Verbal	PRIIMI; VILLEMOR-AMARAL	2009
Técnica de Zulliger – Z-Teste coletivo e individual	Projetiva	Perceptivo de identificação e Verbal	VAZ; ALCHIERI	2016

Tabela 1 – Técnicas projetivas e expressivas com parecer favorável do SATEPSI
Fonte: SATEPSI; Wellausen e Oliveira (2016)

Vale destacar que as técnicas expressivas e projetivas podem ser classificadas em três tipos principais, de acordo com o tipo de tarefa a ser desempenhada pelo sujeito avaliado: 1) Preferência – neste caso o examinando deve organizar e selecionar os estímulos de acordo com a forma que mais o agrada; 2) Perceptiva - subdivida em dois tipos: 2.1 – Temáticas (são oferecidos ao examinando cartões com imagens semiestruturadas, seguidos da instrução de contar histórias), 2.2 – de Identificação (são apresentados cartões com borrões de tinta, seguidos da instrução de que o examinando fale com o que a mancha se parece); 3 – Gráfica - consiste na apresentação de um papel em branco, lápis e borracha, seguida do comando de que o examinando deve desenhar uma casa, árvore e pessoa (HTP); ou palos conforme o modelo (teste Palográfico), ou ainda deve fazer movimentos com o lápis, inicialmente com controle visual e, depois, sem controle visual, a partir de diferentes estímulos gráficos apresentados em seis folhas (PMK) (WELLAUSEN; OLIVEIRA, 2016:283-284). Observa-se ainda que as técnicas consideradas verbais são aquelas em que o examinando é instruído a falar sobre alguma situação específica do teste. Já as técnicas não verbais não exigem a expressão verbal do sujeito que está sendo avaliado em algum momento da aplicação. Todos estes aspectos podem ser

visualizados na Tabela 1. Outra perspectiva que também merece entendimento são as especificidades de cada técnica. A partir de então, versar-se-á sobre os principais aspectos dos instrumentos ilustrados na tabela 1. O Teste de Foto de Profissões é muito utilizado no contexto de orientação profissional, conforme descrição a seguir:

O Teste de Fotos de Profissões é uma técnica projetiva de avaliação psicológica e busca clarificar a inclinação profissional. O instrumento foi elaborado por Martin Achtnich na década de 1970 na Suíça e é composto por 96 fotografias representando pessoas no exercício de vários tipos de atividades. Ele é constituído de duas versões (feminina e masculina) (OTTATI; NORONHA, 2016:660)

Como neste tipo de instrumento o examinando executa uma tarefa do tipo preferência e verbal, o examinando organiza as fotos em grupos, de acordo com suas preferências, e narra uma história para cada foto e para cada grupo formado (WELLAUSEN; OLIVEIRA, 2016:283). Ottati e Noronha (2016:657-658) acrescentam os fatores analisados:

O Teste de Fotos de Profissões é tido como uma técnica projetiva que avalia a estrutura de interesses profissionais por meio das escolhas e rejeições de atividades, ambientes e instrumentos de trabalho representados nas fotos apresentadas ao avaliando. Resumidamente, os oito fatores componentes da personalidade e das motivações humanas presentes no BBT são o fator W, que representa a necessidade de tocar, ternura e sensibilidade; o fator K, relacionado à força física, agressividade e obstinação; o fator S, subdividido em Sh, necessidade de ajudar, cuidar, interesse pelo outro, e Se, dinamismo, ousadia, energia psíquica, capacidade para se impor; o fator Z, o qual indica necessidade de mostrar e valorização da estética; o fator V, ligado à razão, ao conhecimento e à objetividade; o fator G, que representa intuição, ideia, imaginação, criatividade; o fator M, o qual indica a necessidade de reter e lidar com fatos passados ou matéria (substâncias, dinheiro, terra) e possessividade (material e afetiva); e, por fim, o fator O, subdividido em Or, necessidade de falar e comunicar, e On, necessidade de nutrir e alimentar.

Além disso, é importante considerar os estudos de validade e precisão. Em um estudo com 497 voluntários, realizado por Okino e Pasian (2010:28), cujo objetivo era investigar indicadores de precisão e de validade, foi possível identificar índices razoáveis de fidedignidade que comprovaram adequada consistência interna em ambas as versões, a masculina e a feminina. A precisão das duas versões foi feita a partir do cálculo de alfa de Cronbach, cuja variação a partir da amostra avaliada foi entre 0,57 a 0,80.

O Pfister também se configura como instrumento de preferência e verbal. Apresenta quadrículos coloridos compostos de 10 cores subdivididas em 24 tonalidades, as quais devem ser organizadas em um esquema de pirâmide conforme as preferências do examinando. As evidências de validade do Pfister encontram-se na validade de critério (eficácia que o instrumento tem em prever um desempenho específico de um sujeito), especificamente a validade concorrente (PRIMI, 2016:117). Quanto à utilização, o Pfister tem sido utilizado em diferentes contextos de avaliação psicológica, como trabalho, psicologia educacional, saúde,

entre outros (VILLEMOR-AMARAL, 2016:13). Isto evidencia o grau de extensão de uso e importância deste instrumento.

Dentre os instrumentos perceptivos-temáticos e verbais, tem-se: Teste de Apercepção Infantil - Figuras de Animais (CAT-A), Teste de Apercepção Infantil (CAT-H) - Figuras Humanas, Técnica de Apercepção para Idosos – SAT e Teste de Apercepção Temática - T.A.T. De acordo com Wellausen e Oliveira (2016:283), o sujeito deve integrar a percepção ao estímulo com a seleção de um tema para contar a história, possibilitando assim a análise de aspectos da personalidade conscientes e inconscientes.

Dentre os instrumentos perceptivos de identificação e verbais tem-se o Rorschach (de três escolas) e o Zulliger. Segundo Silva e Belmonte-de-Abreu (2016:359), o Rorschach é uma técnica de avaliação da personalidade reconhecida a nível mundial e desenvolvida por Hermann Rorschach em 1921. Neste instrumento são apresentados ao sujeito 10 lâminas com manchas de tinta, uma por vez, e lhe solicitado que diga com o que a mancha se parece. Logo após esta etapa é realizado o inquérito, cujo objetivo é identificar os conteúdos verbais, os motivos que direcionaram cada conteúdo e a localização.

De acordo com Resende (2016:34), diversos estudos vêm sendo realizado com o Rorschach e calado críticas quanto à não existência de propriedades psicométricas. De qualquer modo, a confiabilidade teste-reteste e a confiabilidade interavaliadores são os principais sinalizadores psicométricos de confiabilidade ou precisão deste instrumento.

Conforme Grazziotin e Scortegagna (2016:227-228), em 1948 o teste de Zulliger foi desenvolvido por Hans Zulliger para avaliação da personalidade a partir do método de Hermann Rorschach. Zulliger, psicólogo suíço, pelo fato de trabalhar nas forças armadas da Suíça na seleção de oficiais, percebeu a necessidade de desenvolver técnicas psicológicas que pudessem ser aplicadas com maior rapidez. Neste caso, o instrumento é composto por três pranchas com manchas de tinta, que pode ser aplicado de forma individual ou coletiva. Como apresenta propriedades qualitativas parecidas com o Rorschach e oferece análise e aplicação mais rápida, seu uso ganhou notoriedade nos contextos de clínicas e empresas.

Pode-se observar, conforme a tabela 1, que diversos pesquisadores têm se empenhado no estudo destas técnicas, buscando, antes de tudo, a validação e a fidedignidade a que se propõem estes instrumentos. Sabe-se que ainda existem lacunas, cujas evidências são sustentadas pelas críticas existentes. Muitas delas são válidas, porque apontam as brechas ainda presentes e nos levam a considerar a necessidade de buscar cada vez mais o aprimoramento destas ferramentas na investigação dos fenômenos psíquicos. Por outro lado, os mitos existentes ainda são muitos, o que acaba por reforçar uma visão errônea e distorcida da realidade.

5. Potencialidades, desafios e mitos das técnicas projetivas

Diante da utilização dos testes projetivos, é possível identificar as potencialidades ou vantagens e as limitações destes instrumentos. Para Resende (2017:49), as vantagens de uso destas técnicas encontram-se no fato de poderem sinalizar características de personalidade que as pessoas não reconhecem plenamente em si ou não admitem quando questionadas diretamente. Para Weiner e Greende (2008 apud RESENE, 2017:49), o examinando fica menos sujeito à manipulação consciente e intencional. Isso é bastante favorecido pela pouca estruturação ou ambiguidade dos estímulos, o que leva os examanandos a darem respostas menos sujeitas à deseabilidade.

Conforme Zuazanni e Ribeiro (2015:78), é possível identificar indicadores sensíveis às psicopatologias em situações em que há a dificuldade do diagnóstico e alteração da realidade, o que prejudica o resultado de alguns instrumentos, como os inventários ou instrumentos de autorrelato. Dessa forma, situações em que o sujeito apresenta alguma alteração das funções psíquicas, como o juízo de realidade na esquizofrenia, torna-se complicado o uso de instrumentos de autorrelato.

Já Pinto (2014:147) considera que boa parte dos métodos expressivos apresenta a vantagem de não necessitar da linguagem falada, além de servirem como instrumentos de diagnóstico e podem ser utilizados como material terapêutico. Isso corrobora com a visão de Zuazanni e Ribeiro (2015:76), os quais afirmam que a vantagem dos instrumentos projetivos é que muitos deles são classificados como não-verbais, ou seja, o examinando emite pouca ou nenhuma resposta verbal. De acordo com Sneiderman (2011:95), o valor das técnicas projetivas pode ser associado a um elo entre um grande conjunto de conceitos que constituem um quadro teórico e observável, considerando que as hipóteses intermediárias cumpririam o objetivo de fornecer uma ponte lógica do mais abstrato e geral em relação às hipóteses operacionais, mais concretas e verificáveis. Farah, Cardoso e Villemor-Amaral (2014:188) destacam que os métodos ou técnicas projetivas possuem uma avaliação mais qualitativa do sujeito, além de não apresentarem respostas certas ou erradas.

Algumas desvantagens na utilização destes instrumentos recaem no fato de que as informações estão mais suscetíveis a inferências mais especulativas do que o questionamento direto (RESENDE, 2017:49). Neste sentido, a natureza qualitativa e as características particulares destes instrumentos de avaliação da personalidade aumentam os desafios no que se refere a buscas de evidências de validade e precisão. Além disso, existem poucos instrumentos para a avaliação de crianças (FARAH; CARDOSO; VILLEMOR-AMARAL, 2014:188).

Algumas críticas são direcionadas a esses instrumentos, como fracos índices psicométricos e a baixa qualidade metodológica das pesquisas realizadas com os mesmos (SCADUTO; BARBIERI, 2013:300). Os testes projetivos são utilizados desde o início do século XX, porém muitas vezes foram olhados com suspeita por profissionais que se sentiam mais seguros utilizando os instrumentos de autorrelato. O preconceito direcionado aos testes projetivos foi responsável pela diminuição de seu uso durante os anos de 1960, período em que os testes objetivos ganharam uma posição de destaque (PINTO, 2014:136).

Por outro lado, as propriedades psicométricas que definem a validade e a confiabilidade destes instrumentos é diferente dos instrumentos de autorrelato. Para Farah, Cardoso e Villemor-Amaral (2014:188), uma estratégia geralmente utilizada para a precisão dos métodos expressivos é a confiabilidade entre avaliadores, na qual um segundo juiz fará, às cegas, a análise dos protocolos utilizadas na pesquisa. Isso é indicado principalmente em circunstâncias em que a interpretação dos dados pode sofrer influências da subjetividade do avaliador.

Todos estes aspectos levam a pensar nos mitos existentes por trás destas técnicas, que acabam por reforçar o olhar preconceituoso ou duvidoso. Em um estudo realizado por Miguel (2014:98), pode-se identificar três principais mitos mais frequentemente associados a estes instrumentos: a exclusividade da Psicanálise, a nomenclatura dos testes e a falta de validade. Para este autor, geralmente associa-se a utilização destes instrumentos a psicólogos de abordagem psicanalítica ou derivadas, assim como acredita-se que o objetivo é avaliar os

aspectos inconscientes. Tal visão se mantém pelo uso do termo “projetivo”, nomenclatura advinda do mecanismo de defesa do ego chamado projeção.

Dessa forma, existem posicionamentos contrários ao uso deste termo, assim como também alguns preferem que o mesmo seja utilizado devido o valor histórico, conforme observa-se no relato a seguir:

Existem posições contrárias ao uso do termo projetivo aplicado a alguns destes métodos. Tais restrições normalmente têm por objetivo libertar estes métodos do contexto teórico da psicanálise. No entanto, acreditamos que a manutenção desta terminologia continua sendo útil, pois facilita a identificação destas técnicas — é longa a trajetória que esta designação percorreu. Trata-se de uma especificação de categoria, já que, em função de sua ampla variedade, os testes psicológicos foram submetidos a classificações para facilitar as reflexões e estudos sobre eles. Os critérios de ordenação são diferentes para cada autor (PINTO, 2014:136)

Por outro lado, Miguel (2014:99) aponta que uma forma de evitar equívocos seria a utilização de uma nova nomenclatura, como “expressivo”, “de desempenho”, “implícito” ou “de resposta livre”, a fim de evitar uma má interpretação ou até mesmo substituir binômios não muito claros como testes objetivos/psicométricos e os testes projetivos, que também levam à percepção errônea de que testes objetivos oferecem objetividade e segurança nos escores obtidos, ao passo que os testes projetivos estariam situados no outro extremo, marcados pela subjetividade de quem o analisa. Essa visão é errônea, pois alguns sistemas foram desenvolvidos para evitar a multiplicidade de interpretações e permitir procedimentos claros de codificação e transformação do desempenho no teste em números, como é o caso do sistema compreensivo do Rorschach, Zulliger e a frequência de cores no Pfister.

Outro aspecto a ser destacado é a validade das técnicas projetivas. De acordo com Scaduto e Barbieri (2013:300), as técnicas projetivas se opõem à proposta de análise voltada para fenômenos isolados, mais adequadamente investigados à luz da Teoria Clássica dos Testes e da psicometria tradicional, o que não significa que as propriedades psicométricas dos testes projetivos não sejam passíveis de análise, mas sim de outras estratégias, pelo fato de que a Psicometria tradicional não é adequada para avaliá-los.

Miguel (2014:100) também identificou em seu estudo uma extensa produção científica brasileira que indicava as adequadas características psicométricas de validade e precisão dos instrumentos projetivos, como por exemplo, estudos com as Pirâmides Coloridas de Pfister para avaliação de alcoolismo, compulsão alimentar, depressão, esquizofrenia, estudos com o TAT para avaliação de abuso sexual, afetividade na obesidade, aspectos emocionais de mulheres em hemodiálise, estudos com o Rorschach para avaliação de abuso sexual infantil, compulsão alimentar, esquizofrenia, inteligência emocional, transtorno do pânico, dentre outras várias pesquisas, o que leva a pensar que afirmar que estes instrumentos não apresentam validade é ignorar um vasta produção científica.

Ainda assim, é importante ressaltar que os instrumentos de autorrelato (abordagem nomotética) e os testes projetivos (abordagem idiográfica) não são opostos, mas

complementares e representam estágios do raciocínio sistemático da Psicologia, na tentativa de medir e avaliar, ao buscar a compreensão do ser humano (PRIMI, 2010:29).

Diante de todos estes fatores, pode-se questionar o que tem contribuído para a visão errônea sobre as técnicas projetivas e para os estigmas direcionados a elas e, conseqüentemente, o comprometimento da própria avaliação psicológica. Pode-se pensar, a priori, na formação do profissional e no modo como o estudante de Psicologia é ensinado a lidar com estes instrumentos.

Avoglia (2012:187) destaca que o aumento no número de cursos levou à contratação de professores que não apresentavam experiência com os instrumentos e que, nem sempre, atendiam às qualificações necessárias para o ensino da avaliação psicológica. Desse modo, esta situação é bastante comprometedoras quando se pensa em psicólogos em formação, dos quais se espera os conhecimentos mínimos e adequados em relação ao uso dos testes psicológicos no processo de avaliação psicológica.

Conforme Resende (2017:49), quem aplica e analisa instrumentos projetivos deve ter muito mais fundamentação teórica e treinamento para administrá-los, principalmente quando se pensa em instrumentos como o Rorschach e o Teste de Apercepção Temática. Não mais diferente seria também para quem ensina, pois, como repassar um conhecimento que o próprio professor desconhece ou não tem habilidade para tal?

Há algumas décadas, a formação em avaliação psicológica foi apontada como deficiente, fato associado à transmissão das teorias, técnicas e práticas dos exames psicológicos. O professor deve favorecer ao aluno o conhecimento da fundamentação teórica que embasa o teste psicológico, o desenvolvimento de habilidades relacionadas à aplicação, correção e análise dos resultados dos testes e permitir o acesso a uma prática efetiva e supervisionada (NORONHA et al., 2014:526).

Além disso, apesar de o foco deste estudo ser as técnicas projetivas, destaca-se que o ensino da avaliação psicológica não deve se restringir ao ensino de técnicas isoladas de outros contextos da Psicologia, mas deve proporcionar ao aprendiz experiências teórico-práticas que proporcionem o desenvolvimento de competências para uma atuação autônoma e responsável (NUNES et al., 2012:309).

Para Avoglia (2012:185), lidar com avaliação psicológica implica, necessariamente, ter conhecimento dos critérios de cientificidade, os quais definem a qualidade de um determinado instrumento técnico, assim como a compatibilidade com a demanda na qual se objetiva utilizá-lo. Este autor também ressalta que o psicólogo que se utilizará de um determinado teste deve, no mínimo, ler o manual, saber identificar se as informações sobre validade, precisão, padronização e normas são coerentes ao contexto ou aos sujeitos nos quais pretende aplicá-lo.

6. Conclusão

Tendo em vista que o objetivo deste trabalho foi discutir a avaliação psicológica da personalidade por meio das técnicas projetivas, procurando contextualizar o processo de avaliação psicológica e os diferentes métodos de avaliação, destacando o uso das técnicas projetivas; identificar os principais instrumentos utilizados na avaliação psicológica da personalidade; destacar as potencialidades e os mitos existentes em torno destas técnicas; foi possível constatar que a literatura consultada responde à problemática deste estudo.

Neste sentido, os resultados sinalizam que, dentre os diversos recursos que podem ser utilizados na investigação da personalidade, as técnicas projetivas se mostram como uma importante ferramenta. As vantagens na utilização destes instrumentos recaem no fato de que o examinando é menos sujeito à manipulação consciente e intencional, quando comparado com os instrumentos de autorrelato, alguns instrumentos não necessitam da expressão verbal, o que pode favorecer o uso com pessoas que apresentam barreiras na comunicação oral, além de apresentarem indicadores sensíveis às psicopatologias em situações em que há a dificuldade do diagnóstico e alteração da realidade. Em contrapartida, foi possível identificar que estes instrumentos podem estar mais sujeitos a inferências especulativas.

Constatou-se que os principais mitos existentes em torno destas técnicas estão relacionados à exclusividade da psicanálise, a nomenclatura dos testes e a falta de validade. O fato da utilização do termo “testes projetivos” conduz à visão distorcida de que a finalidade destes instrumentos é puramente investigar os mecanismos inconscientes, principalmente porque também remete à ideia de projeção. Diversos autores sugerem a substituição por testes expressivos, por exemplo, pois é uma forma de combater e minimizar os equívocos existentes. Além disso, a literatura também destaca o olhar preconceituoso voltado para os instrumentos projetivos com a justificativa de que não apresentam validade. Trata-se de uma concepção errônea da realidade. Conforme a literatura, foi possível perceber que as propriedades psicométricas dos testes projetivos diferem das propriedades dos instrumentos de autorrelato e que diversos estudos vêm sendo desenvolvidos com os instrumentos na tentativa de garantir a validade e a confiabilidade destes instrumentos.

Diante de todos estes aspectos, pode-se pensar no que tem contribuído para a perpetuação destas concepções distorcidas. Um dos fatores a ser considerado é a formação do psicólogo. Muitas vezes, são contratados profissionais que não possuem domínio teórico-prático e as qualificações necessárias para o ensino no contexto da avaliação psicológica. Outro ponto é a dualidade ou oposição existente entre os instrumentos projetivos e os instrumentos de autorrelato, quando, na verdade, tratam-se de recursos complementares, que juntos, podem fornecer uma visão mais completa e consistente do sujeito que está sendo avaliado.

Dado o exposto, muito ainda pode ser feito para a melhoria destes instrumentos. Desenvolver novos estudos de validade, repensar a formação e a qualidade dos profissionais responsáveis para tal e dirimir outros mitos existentes em torno destas ferramentas são importantes alternativas que podem superar os equívocos e destacar a relevância das técnicas projetivas na avaliação psicológica da personalidade. Dessa maneira, pesquisas futuras poderão auxiliar na elucidação destes fatores, complementando e até mesmo confrontando os achados deste estudo, de modo a ampliar esta discussão e servir de base para outras pesquisas.

Referências

ALVES, Marcela Mansur; SILVA, Renata Saldanha; FERNANDES, Sthefanie Carvalho de Ávila. Impact of the Psychological Testing Assessment System (SATEPSI) for Scientific Publications in Psychological Assessment. *Psico-USF*, v. 21, n. 11, p. 179-188, 2016.

AVOGLIA, Hilda Rosa Capelão. O sentido da avaliação psicológica no contexto e para o contexto: uma questão de direito. *Psicólogo inFormação*, v. 16, n. 16, p. 179-190, 2012

CAMPOS, Rui C. Além dos números há uma pessoa: sobre a utilização clínica de testes. **Avaliação Psicológica**, v. 12, n. 3, p. 291-298, 2013.

CARVALHO, Maria Cecília M. de. **Construindo o Saber** – Metodologia Científica: Fundamentos e Técnicas. 18 ed. Campinas: Papirus, 2007.

CASTRO, Paulo Francisco de. Caracterização do ensino de avaliação psicológica no estado de São Paulo. **Boletim de Psicologia**, 2013, v. 53, n. 138, p. 81-102, 2013.

COHEN, Ronald Jay; SWERDLIK, Mark E.; STURMAN, Edward D. **Testagem e Avaliação Psicológica**: introdução a testes e medidas. 8 ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP nº 007/2003**. Institui o Manual de Elaboração de Documentos Escritos produzidos pelo psicólogo, decorrentes de avaliação psicológica e revoga a Resolução CFP nº 17/2002. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2003/06/resolucao2003_7.pdf>. Acesso em: 25 fev.2018.

FARAH, Flávia Helena Zanetti; CARDOSO, Lucila Moraes; VILLEMOR-AMARAL, Anna Elisa de. Precisão e validade do Pfister para avaliação de crianças. **Avaliação Psicológica**, v. 13, n. 2, p. 187-194, 2014.

FEIST, Jess; FEIST, Gregory J. **Teorias da personalidade**. 6 ed. Porto Alegre: AMGH, 2011.
GOMES, William B. A tradição da avaliação psicológica no Rio Grande do Sul: a liderança e a referência de Jurema Alcides Cunha. In HUTZ, Claudio Simon. **Avanços e polêmicas em avaliação psicológica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

GRAZZIOTIN, Jucelaine Bier Di Domenico; SCORTEGAGNA, Silvana Alba. Revisão de pesquisas brasileiras sobre o Teste de Zulliger publicadas em artigos. **Avaliação Psicológica**, v. 15, n. 2, p. 227-235, 2016.

MIGUEL, Fabiano Koich. Mitos e verdades no ensino de técnicas projetivas. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 19, n. 1, p. 97-106, 2014.

NAKANO, Tatiana de Cássia. Problemas apresentados pelos instrumentos com parecer desfavorável no SATEPSI. **Avaliação Psicológica**, v. 12, n. 2, p. 121-130, 2013.

NORONHA, Ana Paula Porto et al. Avaliação psicológica: importância e domínio de atividades segundo docentes. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 524-538, 2014.

NUNES, Maiana Farias Oliveira Nunes et al. Diretrizes para o ensino de avaliação psicológica. **Avaliação Psicológica**, v. 11, n. 2, p. 309-316, 2012.

OKINO, Erika Tiemi Kato; PASIAN, Sonia Regina. Evidências de precisão e validade do Teste de Fotos de Profissões (BBT-Br). **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 11, n. 1, p. 23-35, 2010.

OTTATI, Fernanda; NORONHA, Ana Paula Porto. 2016. Escala de Aconselhamento Profissional e Teste de Fotos de Profissões: evidências de validade. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 33, n. 4, p. 655-665, 2016.

PAIS-RIBEIRO, José Luis. Medida na avaliação psicológica. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 14, n. 1, p. 245-263, 2013.

PINTO, Elza Rocha. Conceitos fundamentais dos métodos projetivos. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 135-153, 2014.

PRIMI, Ricardo. Evidências de validade do Pfister. In VILLEMOR-AMARAL, Anna Elisa de. **As pirâmides coloridas de Pfister**. 4 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016.

_____. Avaliação Psicológica no Brasil: Fundamentos, Situação Atual e Direções para o Futuro. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. especial, p. 25-35, 2010.

RESENDE, Ana Cristina. Os diferentes propósitos e métodos de avaliação da personalidade. In: LANDIM, Poliana; ALMEIDA, Rayana; ROMA, Andreia. **Avaliação Psicológica: a atualidade da prática profissional**. São Paulo: Leader, 2017.

_____. **Método de Rorschach: referências essenciais**. 2 ed. Goiânia: América, 2016.

SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. O possível e o necessário no processo de avaliação psicológica. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Ano da avaliação psicológica: textos geradores**. Brasília: CFP, 2011.

SATEPSI. Conselho Federal de Psicologia. **Lista Completa dos Testes**. Disponível em: <<http://satepsi.cfp.org.br/listaTesteFavoravel.cfm>> Acesso em: 21 fev.2018

SCADUTO, Alessandro Antônio; BARBIERI, Valéria. Em defesa do TAT: uma revisão crítica das pesquisas sobre o teste no Brasil. **Avaliação Psicológica**, v. 12, n. 3, p. 299-305, 2013.

SILVA, Katiane, BELMONTE-DE-ABREU, Paulo. Psicodiagnóstico nas psicoses. In: HUTZ, Claudio Simon et al. **Psicodiagnóstico**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

SNEIDERMAN, Susana. Consideraciones acerca de la confiabilidad y validez en las técnicas proyectivas. **Subjetividad y Procesos Cognitivos**, v. 15, n. 2, p. 93-110, 2011.

STEWART, Charles J.; CASH JR., William B. **Técnicas de Entrevista**. 14 ed. Porto Alegre: AMGH, 2015.

ESPECIALIZE

O uso das técnicas projetivas na avaliação psicológica da personalidade

Dezembro/2018

URBINA, Susana. **Fundamentos da testagem psicológica**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

VILLEMOR-AMARAL, Anna Elisa. **As pirâmides coloridas de Pfister**. 4 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016.

WELLAUSEN, Rafael Stella; OLIVEIRA, Sérgio Eduardo Silva de. Psicodiagnóstico e as patologias da personalidade. In: HUTZ, Claudio Simon et al. **Psicodiagnóstico**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

WERLANG, Blanca Susana Guevara; VILLEMOR-AMARAL, Anna Elisa de; NASCIMENTO, Regina Sonia Gattas Fernandes do. Avaliação psicológica, testes e possibilidades de uso. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Avaliação Psicológica: Diretrizes na Regulamentação da Profissão**. Brasília: CFP, 2010.

ZUANAZZI, Ana Carolina; RIBEIRO, Rafaela Larsen. Testes projetivos na avaliação psicológica da esquizofrenia: uma revisão da literatura. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 6, n. 2, p. 71-91, 2015.